

ROTH, Wolfgang. "Vorerfahrungen und Stereotypen: Ihre Veränderbarkeit durch zweisprachige Kontakte?" In: PELZ, Manfred (Hg.): *Lerne die Sprache des Nachbarn. Grenzüberschreitende Spracharbeit zwischen Deutschland und Frankreich*. Frankfurt/Main, Diesterweg, S. 134-149, 1989.

SCHAFF, Adam. *Stereotypen und das menschliche Handeln*. Wien et al., Europa Verlag, 1980.

TAYLOR, Donald M. "The Social Psychology of Racial and Cultural Diversity: Issues of Assimilation and Multiculturalism". In: REYNOLDS, Allan G. (ed.). *Bilingualism, Multiculturalism and Second Language Learning*. London, Hillsdale N.J., p. 1-19, 1991.

VON PÜCKLER-MUSKAU, Herrmann. *Ausgewählte Werke in zwei Bänden* (hrsg. Ekhard Haack & Heinz Ohff). Berlin, Ullstein, 1985.

O PAPEL DO ALEMÃO NA UNIÃO EUROPÉIA: UM CASO PARTICULAR?*

Wolfgang Roth**

Abstract: This paper deals with the linguistic situation of the European Union, especially considering the role played by the German language. Beginning with some general remarks on the historical mechanisms that may influence the relative importance of a given language on a global scale, the history of the German language is discussed with the aim of explaining its present situation as the language with the greatest number of native speakers in Europe, which, at the same time, plays a relatively unimportant role in international communication.

Keywords: European languages; German language; International communication.

Zusammenfassung: Der vorliegende Aufsatz behandelt die Sprachensituation in der Europäischen Union mit Schwerpunkt auf der Rolle der deutschen Sprache. Beginnend mit einigen allgemeinen Bemerkungen zu den historischen Zusammenhängen, die die relative Wichtigkeit einer bestimmten Sprache im Weltmaßstab beeinflussen können, wird die Geschichte der deutschen Sprache mit dem Ziel diskutiert, ihre gegenwärtige Situation als die Sprache mit der größten Zahl von Muttersprachlern in Europa und gleichzeitig einer verhältnismäßig unwichtigen Rolle in der internationalen Kommunikation zu erklären.

Stichwörter: Europäische Sprachen; Deutsche Sprache; Internationale Kommunikation.

Palavras-chave: Línguas européias; Língua alemã; Comunicação internacional.

* O presente artigo foi apresentado, sob forma de palestra, junto ao Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP, no dia 08/09/1997.

** O autor é professor titular de lingüística românica das universidades de Bochum, Alemanha, e Valenciennes, França. Endereço do autor: Ruhr-Universität Bochum, Romanistisches Seminar, PLZ 44780 – Bochum, Alemanha.

Antes de abordar o tema propriamente dito e de responder à pergunta feita no título, cabe sublinhar que, durante várias décadas, o alemão não dispôs de uma bibliografia satisfatória relativa ao seu lugar entre aquelas grandes línguas do mundo que superam o papel de uma mera língua nacional, seja pelo número de falantes nativos e de falantes de segunda língua, seja pela necessidade de conhecê-la por motivos de utilidade devida ao seu caráter veicular, enfim, pelo seu valor comercial – para usar as palavras de Florian Coulmas. Qual é o lugar do alemão entre a dúzia ou a vintena das línguas consideradas como as mais importantes do mundo?

Somente a partir de 1991, quando saiu o livro de Ulrich Ammon sobre a posição internacional do alemão, é que dispomos de uma publicação que nos fornece, de modo quase exaustivo, um elevado número de aspectos que ilustram o lugar ocupado pelo alemão no mundo. As publicações anteriores tendem a salientar a importância do alemão motivadas por certo amor patriótico que o seu autor – germanofalante – manifestou para com a sua própria língua e por isso nem sempre brilham por sua objetividade. Em comparação com estes trabalhos, o livro de Ulrich Ammon pretende ser rigorosamente objetivo, evitando impulsos nacionalistas e orientando-se por fontes fidedignas e estatísticas disponíveis. Uma das constantes do livro de Ammon é a comparação do alemão com o inglês e o francês com o fim de contornar o escolho de uma supervalorização da língua alemã pela qual peca muitas vezes o livro de Thierfelder, um de seus precursores.

Além de capítulos que tratam da extensão e divulgação do alemão, seu caráter de língua nacional oficial em diferentes países, seu *status* co-oficial ou não oficial em outros ou sua importância como língua minoritária em numerosos países da Europa e outros continentes, o livro de Ammon expõe pormenorizadamente o uso do alemão sob aspectos internacionais: as relações econômicas, a diplomacia, a comunicação científica e o turismo.

O livro de Ulrich Ammon constitui, portanto, um manual bastante completo de informações sobre o *status* e o caráter do alemão,

de modo que é difícil destacar outros aspectos sem pesquisas mais aprofundadas do que as de Ammon. Embora tudo já pareça dito, as observações que se seguem têm por base a convicção de que só mediante uma comparação com outras línguas, sobretudo as outras grandes línguas européias, será possível chegar a uma avaliação satisfatória. No que respeita à objetividade do método de Ammon, o seu livro continua sendo um modelo digno a ser imitado.

A fim de avaliar a posição do alemão entre as línguas da União Européia e fora dela, é preciso recorrer às tentativas de uma classificação lingüística que, sob diferentes formas, se encontra nos manuais de lingüística. Nestas tentativas, a classificação ditada pelo respectivo número de falantes de cada língua talvez seja a mais divulgada, embora não raro a menos decisiva. Partindo deste critério puramente quantitativo, uma língua como o islandês, que tem cerca de 250.000 falantes, seria muito menos importante do que o quíchua, língua índia falada nos Andes entre o sul da Colômbia e o norte da Argentina e cujo número de falantes supera os quatro milhões. Mas sabemos que o *status* do islandês é incomparavelmente mais alto do que o do quíchua. E o chinês deveria ser uma língua mais internacional do que o inglês. Sabemos que não é bem assim.

Os critérios para medir a importância e o grau de autonomia de uma língua abrangem toda uma gama de características difíceis de serem determinadas. O critério puramente lingüístico é um critério bem relativo. O espanhol e o português, duas línguas consideradas como independentes uma da outra, diferenciam-se, no que respeita às suas estruturas morfosintáticas e inclusive ao seu léxico, muito menos do que siciliano e o lombardo, tidos por dialetos de uma só língua, o italiano. O occitânico, na Idade Média, foi uma das línguas de cultura consideradas como língua autônoma frente ao francês arcaico, ao passo que hoje em dia esta língua é vista, pela maioria de seus falantes, como um grupo de dialetos que carecem de uniformização ou padronização, depois que o francês ocupou esta função em detrimento do provençal literário da Idade Média. Heinz Kloss, no seu livro sobre as línguas germânicas menores, descreve, num longo ca-

pítulo, a evolução do baixo alemão (*Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*) como uma língua que, depois de ser abandonada por muitos de seus falantes em favor do alto alemão, do *Hochdeutsch*, passa, no século XIX, por uma fase de ressurgimento enquanto língua escrita e até prometia tornar-se uma espécie de segunda língua no Norte da Alemanha. Mas esta evolução começou a ficar estagnada, e hoje temos de comprovar que, apesar de certos esforços para reintroduzir esta língua, o seu destino pode comparar-se ao do occitânico na França.

A evolução das grandes línguas européias é, na maioria dos casos, a história de sua padronização e uniformização e de uma expansão a partir de um dialeto ou de um grupo de dialetos. Quanto às línguas românicas, pode-se descrever esta evolução que se origina no latim, como a história de uma língua para sua época bastante uniformizada até nas suas variantes faladas, para tornar-se um grupo de línguas unificadas, procedimento que se realiza essencialmente seja na base de um só dialeto – é o caso do francês e do espanhol – seja na base da criação de uma língua escrita com a prevalência de elementos de um dialeto, o que seria o caso do italiano.

Pode-se verificar que evidentemente há uma inter-relação entre a uniformização e a expansão de uma língua. O fato de aquelas línguas européias uniformizadas e padronizadas numa época anterior a outras serem ao mesmo tempo línguas planetárias, certamente não é um acaso. O espanhol e o português conheceram, no decorrer da sua respectiva história, uma fragmentação dialetal menos marcada do que o italiano ou o alemão. A história medieval dos dois países da Península Ibérica contribuiu para este estado de coisas. A Reconquista, na Espanha e em Portugal, andou de par com a supressão dos fenômenos regionais, e a unificação lingüística seguiu imediatamente a expansão política e econômica dos dois países. A história das outras duas línguas européias que iam ter um destino mundial, o inglês e o francês, deu um resultado comparável, apesar de uma história diferente da das línguas ibero-românicas. Neste contexto, cabe pôr em relevo que a quinta língua que ia ter um destino internacional, não conseguiu esta meta: o holandês. O número de falantes, enquan-

to critério, deve ser irrelevante. Se fosse o contrário, o português teria um destino comparável ao do neerlandês, uma vez que é até menos falado na Europa do que o holandês. Mas o português tornar-se-ia uma língua planetária e o neerlandês não compartilhou este destino.

As únicas experiências coloniais da Alemanha, a da África e da Oceania no século XIX, tiveram um caráter efêmero. Além disto, a Alemanha participou pouco dos descobrimentos no limiar da época moderna. Estes dois fatos fizeram com que o alemão, hoje em dia, não pertença às grandes línguas universais. De forma similar à de outros povos que não tomaram parte na colonização dos territórios de além-mar, mas que sofreram uma explosão demográfica no século XIX e XX, os povos germanofalantes iniciaram uma forte emigração rumo a países aloglotas, especialmente rumo às Américas. Mas quando estas migrações começaram, i.e., no século XIX, a maior parte do continente americano já se constituía em Estados politicamente independentes com a adoção de uma das línguas coloniais como idioma oficial. Assim, a história do alemão, como a do italiano, do chinês e do japonês de além-mar, significa a história da perda dessas línguas por seus falantes originários. Este processo pode ser lento, como nas chamadas colônias alemãs no Sul do Brasil, mas também rápido, como a perda do italiano no Estado de São Paulo. Numerosos fatores inter-vêm para tanto. Observar esses processos de sobrevivência ou morte das línguas minoritárias é trabalho árduo e demandaria muitas pesquisas. As estatísticas que nos fornecem dados a respeito do assunto nem sempre são fidedignas e são rapidamente superadas.

Não se trata aqui de enumerar todas as causas que fazem com que certas línguas tenham êxito e se tornem línguas mundiais, ao passo que outras não chegam a esse ponto. O neerlandês, para citar novamente este exemplo, encontrou, no decorrer de sua expansão colonial, dois obstáculos: o de ter que concorrer com línguas regionais bem estabelecidas, situação freqüente na Ásia do Sul e do Leste. No que diz respeito à história colonial da Bélgica, o neerlandês esteve numa situação de competição com o francês, língua que lhe foi preferida nas suas colônias africanas.

Tais considerações podem nos dar uma idéia da relação entre a história das línguas européias e a sua importância atual. Certas línguas de extensão mundial têm um número relativamente reduzido de falantes na União Européia. Se tentamos esboçar uma classificação aproximativa das línguas oficiais da União Européia de acordo com o respectivo número de falantes e excluimos, para este fim, as línguas regionais como o catalão, o galego, o basco, o frísio, o luxemburguês ou o sorábio, podemos distinguir quatro grupos quantitativos:

1. Menos de vinte milhões de falantes: grego, sueco, dinamarquês, finês e português.
2. Entre vinte e quarenta milhões: espanhol e neerlandês.
3. Entre quarenta e setenta milhões: inglês, francês, italiano.
4. Mais de setenta milhões: alemão.

Esta distribuição mostra a importância numérica do alemão e, ao mesmo tempo, nos revela uma divergência entre o número de falantes e a importância veicular desta língua. Mais tarde tocarei novamente neste assunto.

A história do alemão padrão, o *Hochdeutsch*, é a história de uma unificação *sui generis* e tem sido considerada quase um milagre: como é que se chegou a uma língua única e relativamente homogênea no seu uso escrito, apesar de uma fragmentação territorial de muitos séculos? Diferentemente da Espanha e de Portugal, a Alemanha não chegou a ser um Estado desde a Idade Média, o que favoreceu a unificação da língua sobretudo nos territórios descobertos, conquistados e hispanizados ou aportuguesados pouco tempo depois. Ao contrário: as tendências para uma única língua padronizada se reforçaram numa época em que a idéia do Sacro Império Romano-Germânico empalideceu cada vez mais e em que o alemão fortaleceu o seu papel de língua veicular na concorrência com o latim e o francês. A história da língua alemã não conhece nenhum Malherbe que, para a redação de textos literários, força o francês num conjunto de regras muito rígidas cujas conseqüências se fazem sentir até hoje em dia. E a comunidade lingüística alemã também não dispôs de uma metrópo-

le como Londres para o inglês. Viena, a grande cidade no Sul e capital de um império multiétnico e multilíngüe, hesitou em adotar o alemão padrão do norte protestante como língua veicular.

Provavelmente existe entre as grandes línguas européias uma só que, sob este aspecto de sua história, é comparável ao alemão: é o italiano. A história da uniformização e padronização dessas duas línguas mostra paralelos surpreendentes: um alto grau de fragmentação dialetal, uma unificação lingüística que se iniciou sem que houvesse algo comparável na história política e o fato de o movimento unificador na língua escrita ter-se realizado segundo o modelo de certos autores e certos centros administrativos. Os resultados desta evolução paralela se vêem em certas características comuns das duas línguas: uma longa coexistência entre dialeto e língua padrão, uma falta de uniformização em certos campos da comunicação, sobretudo no vocabulário concreto de todos os dias, uma língua padrão pronunciada com marcadas particularidades regionais.

Mas algumas diferenças também podem ser comprovadas. O italiano evolui sob a influência direta de sua língua de origem, o latim. As denominações dos conceitos não existentes na língua popular são tomadas nos textos latinos ou formadas com elementos lexicais do latim e do grego. Os que sabiam ler e escrever sempre exploraram as fontes clássicas de seguir os modelos de outras línguas românicas: tudo o que não se encontrava na sua língua materna popular procurava-se nos autores latinos adaptando e assimilando, fonética e morfológicamente, esses empréstimos à língua popular.

Em alemão, porém, tenta-se assimilar os conceitos da cultura greco-latina e ocidental às características desta língua, fornecendo sentidos "estrangeiros" às palavras germânicas, traduzindo palavras morfema por morfema para criar decalques, baseando-se em formações populares ou pedindo emprestado ao latim, francês, italiano. O resultado é um léxico rico, mas bastante heterogêneo, composto de raízes germânicas, latinas, gregas, francesas, inglesas. Mas são especialmente os decalques semânticos que caracterizam o alemão, como

aliás todas as línguas européias fora das línguas românicas e do inglês. É o que dá às línguas germânicas um caráter mais heterogêneo do que às línguas românicas que, no que respeita ao vocabulário erudito, tomam os seus lexemas no tesouro inesgotável das palavras e sintagmas lexicais das línguas clássicas (cf. *progresso*). Ora, as línguas românicas, assim como o inglês com seus numerosos elementos herdados das línguas clássicas, testemunham uma superioridade qualitativa e numérica no domínio econômico, político e cultural. O mundo das numerosas inovações e invenções nos mais diversos campos da civilização ocidental se expressa, via de regra, numa língua românica ou em inglês. Apesar da fragmentação, as línguas românicas e a língua germânica mais romanizada, o inglês, são as verdadeiras sucessoras da língua mundial da Antiguidade: o latim, que, como sabemos, perdeu a sua importância como língua escrita apenas no início da Idade Moderna e em razão dos nacionalismos nascentes. As línguas germânicas, exceto o inglês, as línguas eslavas, fino-úgricas etc. não estão excluídas desta lexicalização civilizatória ocidental, mas sofrem de certa marginalidade por seu caráter “exótico” devido a um léxico bem diferente daquele das línguas ocidentais.

O território lingüístico do alemão, particularmente a sua parte ocidental, participou, é claro, dessas correntes inovadoras e dos fenômenos culturais comuns à Europa do Oeste. Mas a língua alemã desempenhou sobretudo um papel importante entre o Oeste e o Sul por um lado, e o Norte e o Leste por outro lado. O lingüista Claude Hagège caracteriza o alemão como um língua “eslavófaga”, quer dizer, ele a descreve como uma língua que engoliu uma parte dos domínios lingüísticos eslavos, mas também uma língua báltica como o antigo prussiano, que se extinguiu no início da Época Moderna. Mas o lingüista francês sublinha também a grande influência exercida pelo alemão sobre as línguas do Norte e do Leste da Europa. E é exatamente isso que distingue o alemão do italiano. A influência do italiano se deve ao esplendor da cultura italiana, às belas artes, à literatura e à música deste país. É por isso que o italiano deixou os seus vestígios em todas as línguas européias, sobretudo sob a forma de empréstimos nos diferentes domínios culturais. O alemão, porém, deve a sua irradiação à

sua função mediadora, à evangelização e à colonização da Europa oriental durante a Idade Média. O resultado é uma história muito mais conflituosa do que a do italiano, uma história que muitas vezes envenenou as relações entre os países especialmente desde o surgimento dos nacionalismos no século XIX.

Se o alemão exerceu uma influência sobre as línguas para as quais desempenhou um papel mediador, i. é, sobre as línguas do Norte e do Leste, deixou muito menos vestígios nas línguas do Oeste e do Sul. O resultado é um número reduzido de empréstimos alemães em inglês, francês, espanhol, italiano etc. Neste contexto, também é preciso ver uma espécie de tendência decrescente na disposição de aprender línguas estrangeiras, tendência que vai do Oeste para o Leste da Europa. Assim, encontram-se menos espanhóis dispostos a aprender o alemão que alemães dispostos a aprender o espanhol. Por outro lado, o número de russos ou poloneses prontos a estudar o alemão costuma ser maior do que inversamente. Um parêntese é constituído pelo pós-guerra, quando, na Alemanha Oriental como nos outros países-satélites da União Soviética, o russo foi imposto como primeira língua estrangeira. Desse modo, desde o século XVII tem havido mais alemães aprendendo francês do que franceses aprendendo alemão.

Pode-se, por conseguinte, distinguir entre várias relações de superioridade, ou, melhor dito, de força maior, no que respeita à disposição de aprender a língua de outro povo, relações ditadas seja pelo número de falantes de cada língua, seja pela superioridade política, econômica, científica, cultural etc. Já para a Antiguidade comprova-se a superioridade cultural do mundo grego, que fez com que muitos romanos estudassem o grego, apesar da superioridade política e, provavelmente também, numérica dos latinofalantes. Outro exemplo seria a posição do árabe na Andaluzia medieval frente ao chamado moçárabe. Entre línguas como o dinamarquês ou o neerlandês, por um lado, e o alemão, por outro, deve ser sobretudo a relação numérica de cada uma dessas línguas que faz com que haja mais dinamarqueses ou holandeses dispostos a aprender o alemão do que o inverso.

No que diz respeito à história das línguas da Europa do século XX, tem-se escrito bastante sobre o declínio do alemão como consequência das duas guerras mundiais. O *status* do alemão no início do século XX fez com que Antônio Weiss o considerasse como um dos candidatos ao grupo das línguas planetárias. Mas os acontecimentos políticos da primeira metade do nosso século deram um rumo imprevisível ao destino do alemão. A derrota de 1918 afetou principalmente a Áustria-Hungria e consagrou, em certa medida, um estado de coisas que tem suas origens já no século XIX. Na monarquia dual, cada parte fazia a sua própria política lingüística. Na então Hungria, que abrangia, entre outras regiões, o que hoje é a Eslováquia, a Transilvânia como parte da atual Romênia e a Croácia, praticou-se uma política menos tolerante do que na parte austríaca, que além da atual Áustria de língua alemã, abrangia a Eslovênia, a atual República Tcheca e a Galícia, hoje dividida entre a Polônia e a Ucrânia. As línguas dos diferentes Estados sucessores da monarquia dos Habsburgos, o romeno, o eslovaco, o tcheco, o polonês etc. foram oficializadas, e o alemão, que antes foi a língua veicular e co-oficial da parte austríaca, perdeu o seu *status* e se transformou numa língua minoritária. Os funcionários de língua alemã da recém-fundada Tcheco-Eslováquia, que não sabiam suficientemente o tcheco, foram removidos do seu cargo, situação que contribuiu para a radicalização nacionalista na Alemanha e na Áustria dos anos vinte e trinta.

As consequências da Segunda Guerra Mundial para a língua alemã foram incomparavelmente mais dramáticas. Um quarto do território alemão nas fronteiras de entre as duas guerras foi cedido à Polônia e à União Soviética, hoje Rússia, e a maior parte da população de língua alemã, que não havia fugido na fase final da guerra, acabou expulsa. Em toda a periferia leste, norte e oeste do que hoje é a República Tcheca, franja que era de língua alemã até 1945, esta população sofreu a mesma sorte. As minorias de língua alemã de quase todos os países do Leste Europeu foram igualmente expulsas. O que a Alemanha nazista iniciou mediante as expulsões de poloneses e a germanização na então Polônia Ocidental, provocou uma enorme contra-reação, iniciando-se assim o que hoje podemos observar

na ex-Iugoslávia, quer dizer, uma chamada „limpeza étnica”. As enormidades nazistas, i.é, o holocausto, fizeram com que se extinguisse praticamente o iídiche, a língua dos judeus asquenazim, com base no alemão medieval. O mundo universitário escandinavo substituiu o alemão pelo inglês nas suas publicações científicas. Para estudar a Química, o alemão deixou de ser aprendido.

É muito difícil avaliar objetiva e exatamente todos estes acontecimentos na sua repercussão sobre o destino da língua alemã. Eu, pessoalmente, creio que, apesar dos pesares, não se deve supervalorizar as consequências. Há uma série de razões que se podem citar em favor do alemão.

Em primeiro lugar, não se deve esquecer que os dois países cuja língua oficial é o alemão, a Alemanha, atualmente com 82 milhões de habitantes, e a Áustria, com aproximadamente 7 milhões de habitantes e, ademais, a Suíça, onde, de acordo com as estatísticas, 74 % da população, i. é, mais ou menos 4,5 milhões de pessoas, são de língua alemã, conheceram um desenvolvimento econômico espetacular.

Em segundo lugar, cabe sublinhar que a atração destes três países provocou uma forte imigração, obrigando os imigrados, pelos menos parcial e temporariamente, a se familiarizarem com o alemão. Berlim, por exemplo, tem uma população turca que representa a décima parte do da ex-Berlim Ocidental. Como consequência da guerra na ex-Iugoslávia, mais ou menos 350.000 iugoslavos, sobretudo bósnios, fugiram para a Alemanha e dezenas de milhares para a Áustria. Embora a assimilação lingüística dessas pessoas deva ser, muitas vezes, bastante precária e muitas devam esquecer o alemão depois de abandonar o país de acolhida, pode-se comprovar uma forte divulgação da língua alemã desconhecida antes da guerra.

Em terceiro lugar, é preciso salientar outra consequência do desenvolvimento econômico e do bem-estar geral: o turismo. Turistas alemães, austríacos e suíços terão ajudado a propagar o conheci-

mento do alemão em regiões do Sul da Europa, onde esta língua era completamente desconhecida antes de 1945.

E, enfim, a reunificação parece estar modificando as relações entre as línguas na Europa. Ainda não se conhece a envergadura deste fato. Sabe-se que a rivalidade entre as duas línguas mais usadas na Europa depois do inglês, i. é, o alemão e o francês, a balança parece inclinar-se hoje mais em favor da primeira e em detrimento da segunda.

Voltando ao segundo aspecto acima mencionado, quer dizer, à aquisição do alemão pelos imigrados, pode-se dizer que este fato nos leva a outro critério decisivo para avaliar a importância de uma língua: o seu estudo como segunda língua.

No decorrer dos últimos séculos, certas línguas desempenharam um papel como segunda língua supra-regional na Europa. Algumas continuam tendo esta importância. Essas línguas supra-regionais com caráter de segunda língua são, por ordem cronológica, o italiano, e, durante uma época relativamente curta, o espanhol, mais tarde o francês e, finalmente, o inglês. O alemão e o russo, apesar de seu elevado número de falantes nativos, ocupam uma posição especial. Podiam ser caracterizadas como segundas línguas internas. Enquanto os impérios russo, austro-húngaro e, em menor medida, alemão, ocuparam – ou continuam ocupando – grandes territórios não russo- ou germanofalantes, a importância dessas duas línguas enquanto segundas línguas foi muito grande dentro dos respectivos territórios, onde as populações alogotas foram forçadas a sabê-las na comunicação em nível nacional. O russo, aliás, continua desempenhando esta função.

As causas da predominância de uma língua enquanto segunda língua são a supremacia política, econômica e cultural do país onde ela é oficial ou falada pelas classes dominantes. Via de regra, essa língua vence em certos domínios, p. ex. o italiano na música e nas belas artes ou o espanhol e o português nos descobrimentos do Novo Mundo, ou adota o caráter de uma língua internacional – Rivarol diria

“universal” – entre as camadas dirigentes, o que foi o caso do francês. A língua com a maior tendência para uma generalização, o mais tardar a partir dos anos 40 do século XX, é certamente o inglês. As línguas “universais” podem ser impostas diretamente – tal como o russo e seus antigos satélites – ou indiretamente, mediante uma espécie de imperialismo científico, técnico ou cultural. É este o caso do inglês.

A importância de uma língua sobre outras línguas se deve, portanto, em grande parte à sua difusão enquanto segunda língua. O caso mais conhecido e mais espetacular é, sem dúvida nenhuma, o do latim, que desde o Baixo Império se usa exclusivamente como segunda língua geralmente estudada depois da aquisição da língua materna e isso apesar de o latim não representar nenhuma força política ou econômica. A relevância do latim como língua “internacional” se deve

- à tradição bem estabelecida que faz dele uma língua escrita e codificada;
- ao seu papel como língua da Igreja;
- ao fato de a maior parte da Europa ocidental falar e continuar falando línguas derivadas do latim. Assim, os domínios atuais do francês, do italiano e das línguas ibero-românicas constituem uma continuidade histórica, e isto desde a época romana, apesar da ruptura representada desde a Idade Média e a nova romanização da Península Ibérica.

Mas também outras línguas européias conhecem períodos em que a sua importância decorre do *status* como segunda língua. Cabe aqui mencionar sobretudo três delas, em ordem cronológica: o italiano, o francês e o inglês. Os destinos das outras grandes línguas européias é diferente. O espanhol, exceto um período relativamente curto, e o português desempenham um papel de segunda língua particularmente além-mar, i. é, nas suas ex-colônias. Testemunham a importância de certas segundas línguas os numerosos empréstimos às outras línguas, p. ex. italianismos em espanhol, francês, galicismos praticamente em todas as línguas européias e, finalmente anglicismos

em nível internacional. Por outro lado, a contribuição do espanhol e do português para as outras línguas européias é relativamente modesta. A difusão do russo, como se viu, é um caso particular, uma vez que esta língua serve sobretudo como instrumento de comunicação interno na então e na nova Rússia e, além disso, em todo o território da ex-União Soviética. Embora certa influência do russo se manifeste nas línguas dos ex-países da esfera hegemônica da União Soviética, pode-se comprovar que, por exemplo, na antiga RDA, a influência se faz sentir sobretudo de forma indireta, na forma de traduções e de decalques semânticos. Assim, comprova-se um fenômeno lingüístico das duas Alemanhas do pós-guerra: um número bastante mais elevado de anglicismos na República Federal e até na RDA do que empréstimos russos na Alemanha do Leste.

Além do russo, há apenas duas grandes línguas européias que, do ponto de vista genético, não derivam do latim: o inglês e o alemão. Mas as duas estão profundamente impregnadas por elementos culturais e lingüísticos do mundo latino e romano, embora de caráter diferente. Desde os primeiros documentos comprova-se uma aproximação intensa do alemão para o latim. Os contatos – diretos – datam de bem antes dos primeiros testemunhos escritos. Mais tarde, o alemão e o inglês viriam a conhecer uma evolução muito diferente entre elas. O inglês se abre muito mais ao mundo latino e romano, enquanto o alemão, no que respeita à sua estrutura e ao seu vocabulário, se isola até certo ponto, tomando um caminho que ia tomar a maior parte das outras línguas européias não românicas e que consiste em conservar a sua própria estrutura e sobretudo em não abrir demasiadamente as portas à intrusão do vocabulário latino e românico. A influência da civilização ocidental mostra a forma típica do *Sprachbund* (convergência lingüística), em outras palavras, a forma da assimilação mediante traduções e decalques semânticos é maior do que mediante empréstimos diretos, como em inglês. Talvez seja esta uma das razões por que o alemão – tanto no que diz respeito à sua estrutura e ao seu vocabulário – não adquiriu um caráter internacional como o inglês. A este caráter deve-se acrescentar o caráter conservador da sua estrutura morfossintática. O alemão, ao lado do islandês, é provavelmente a língua mais arcaica das

línguas germânicas. Se tal caráter fascinou, durante certo tempo, os lingüistas e os intelectuais, por outro lado tornou difícil a sua divulgação como segunda língua. Só durante o auge da cultura e da ciência alemãs e do poder político da Alemanha, o alemão conseguiu impor-se parcialmente como língua internacional, pelo menos no âmbito europeu. O declínio se deve, como se comprovou, às vicissitudes históricas da primeira metade do nosso século, embora talvez mais ainda ao avanço do inglês como segunda língua universal. O fato de o francês, hoje em dia, estar igualmente forçado a defender a sua posição como língua internacional, só pode sustentar a tese de acordo com a qual as razões por que uma língua prospere ou entre em declínio nem sempre dependa unicamente da política e da força econômica.

* * *

Em vez de queixar-se de que certas línguas tenham perdido terreno como consequência de guerras ou evoluções demográficas, seria talvez aconselhável ver neste fenômeno simplesmente uma necessidade de dispor de uma língua universal num mundo onde as comunicações vão se intensificando cada vez mais. Seria preciso verificar em que medida a extensão e a divulgação do alemão sofreram prejuízos pelos resultados da Segunda Guerra Mundial e até que ponto não se trata antes do avanço do inglês que tem modificado a situação lingüística na Europa e em outros continentes.

Para poder avaliar a importância de uma língua num conjunto de línguas como aquele da União Européia, é preciso levar em conta também outros critérios. Entre essas línguas encontra-se uma que pertence ao grupo das línguas mais faladas do mundo. É o português. Bem, sabemos que a importância desta língua se deve a uma explosão demográfica fora do continente europeu. O centro da gravitação do português hoje em dia é o Brasil, país que conta com quinze vezes mais lusofalantes do que a ex-metrópole. O espanhol, por outro lado, apresenta uma situação diferente. É verdade que o número de hispano

falantes no México é duas vezes maior do que o da Espanha. E até países como a Argentina e a Colômbia se igualam à Espanha no que respeita ao número de falantes de espanhol. Mas ainda que as tendências demográficas favoreçam a América de língua espanhola em detrimento da antiga metrópole, o espanhol peninsular tem ganho bastante peso graças ao desenvolvimento econômico deste país da União Européia. O fim da guerra civil fez da Espanha o parente pobre dos países de língua espanhola, e a miséria na Europa depois da Segunda Guerra Mundial revelou a riqueza de certos países hispanofalantes como a Argentina e o Uruguai. Mas a situação mudou abruptamente poucas décadas depois. Para o mundo intelectual hispânico, Madri, atualmente, é um ponto de atração talvez maior do que Buenos Aires ou a Cidade do México.

Das quatro línguas mundiais faladas na União Européia, provavelmente apenas duas serão decisivas para o futuro: o inglês e o francês. Trata-se de duas línguas planetárias que dispõem de um número relativamente grande de falantes na Europa, que se falam em mais de um país europeu e que são línguas oficiais em países chamados de desenvolvidos fora da Europa. Mas inclusive sob este aspecto, existe entre essas duas línguas uma enorme desigualdade. O inglês enquanto língua universal falada em países ricos se estendeu para terras fora da Europa, sobretudo na América, mas também na África, na Austrália e na Nova Zelândia. Além do mais, o inglês serve de segunda língua e de língua supra-regional em países importantes como a Índia. A expansão do francês como língua de países desenvolvidos se reduz praticamente a um só país fora da Europa, o Canadá, e lá, como se sabe, apenas *numa* das regiões do país.

Existe, portanto, uma relação de força desigual entre as duas línguas que favorece o inglês, situação que se confirma indiretamente pela atitude do francês frente ao inglês. Mas o francês possui também alguns trunfos: na Europa continental é falado nas regiões centrais da União Européia. As instituições européias se encontram em cidades onde o francês se distingue por seu caráter de língua oficial (Estrasburgo) ou co-oficial (Bruxelas, Luxemburgo). Além disso, o francês tem uma

longa tradição de língua internacional da diplomacia, da *intelligentsia* e de certas instituições mundiais como a União Postal.

Tudo isso nos leva à convicção de que o alemão, cuja posição tentei determinar por meio da comparação com outras línguas, deverá contentar-se com um terceiro lugar, depois do inglês e do francês. Apesar de seu peso demográfico na União Européia e o fato de ser a língua oficial de dois países-membros da União Européia, dos quais um é de longe o mais populoso, o alemão não tem vocação de língua universal. Seria lamentável se o nacionalismo, que está renascendo na Europa do Leste depois do fim do socialismo, levasse de novo a um impasse em vez de ceder a uma tolerância lingüística que reinou na Europa antes do surgimento dos nacionalismos do século XIX.

Referências Bibliográficas

- AMMON, Ulrich. *Die internationale Stellung der deutschen Sprache*. Berlin-New York, Walter de Gruyter, 1991.
- AMMON, Ulrich. "The status of German and other languages in the European Community (EC)". In: COULMAS, Florian (org.). *A language policy for the European Community*. Berlin/New York, Mouton De Gruyter, p. 241-253, 1991.
- BESCH, Werner, Oscar REICHMANN & Stefan SONDEREGGER. *Sprachgeschichte: Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung*. 2 vols., Berlin/New York, de Gruyter, 1984-1985.
- BORN, Joachim & Sylvia DICKGIEBER. *Deutschsprachige Minderheiten. Ein Überblick über den Stand der Forschung für 27 Länder*. Mannheim, Institut für Deutsche Sprache, 1989.
- GLÜCK, Helmut & Wolfgang Werner SAUER. *Gegenwartsdeutsch*, 2ª ed., Stuttgart/Weimar, Metzler, 1997.
- HAARMANN, Harald. *Die Sprachenwelt Europas. Geschichte und Zukunft der Sprachnationen zwischen Atlantik und Ural*. Frankfurt/New York, Campus, 1993.

- HAGÈGE, Claude. *Le souffle de la langue. Voies et destins des parlers d'Europe*. Paris, Odile Jacob, 1992.
- HANDT, Friedrich (org.). *Deutsch – gefrorene Sprache in einem gefrorenen Land. Polemik – Analysen – Aufsätze*. Berlin, 1964.
- KIRKNESS, A. *Zur Sprachreinigung im Deutschen 1789-1871. Eine historische Dokumentation*. 2 vols., Tübingen, Niemeyer, 1975.
- KLANICZAY, Tibor. "Die Reformation und die volkssprachlichen Grundlagen der Nationalliteraturen". In: *Renaissanceliteratur und frühbürgerliche Revolution. Studien zu den sozial- und ideologiegeschichtlichen Grundlagen europäischer Nationalliteraturen* (org. Robert Weimann, Werner Lenk und Joachim-Jürgen Slomka). Berlin/Weimar, Aufbau-Verlag, p. 131-144, 1976.
- KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. 2ª ed., Düsseldorf, Schwann, 1978.
- KNAPP, Karlfried. "Zurück vor Babel? Zur Zukunft der Weltsprache Englisch". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 20/79, p. 18-42, 1991.
- SCHILDT, Joachim. *Abriß der Geschichte der deutschen Sprache*. Berlin, Akademie-Verlag, 1981.
- THIERFELDER, Franz. *Die deutsche Sprache im Ausland. Vol. 1: Die Grundlagen der deutschen Sprachgeltung in Europa. Vol. 2: Die Verbreitung der deutschen Sprache in der Welt*. Hamburg/Berlin/Bonn, Decker, 1956-1957.
- VLASTO, A. P. *A linguistic history of Russia to the end of the eighteenth century*. Oxford, Clarendon Press, 1988.
- WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en Occident. Leur origine, leur histoire, leur géographie*. Paris, Robert Laffont, 1994.

TRADUÇÃO – ÜBERSETZUNG